

Jennifer Haymore

Um Toque de Perversão

Tradução

Maria Filomena Duarte

 Planeta



 **Planeta**

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2009, Jennifer Haymore
© 2009, Planeta Manuscrito

Publicado com o acordo do autor,
com BAROR INTERNATIONAL, INC.,
Armonk, New York, USA

Título original: *A Hint of Wicked*

Revisão: Clara Joana Vitorino

Paginação: Tiago Ferreira

1.ª edição: Março de 2011

Depósito legal n.º 322 362/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-150-4

www.planeta.pt

Ao meu marido. O meu parceiro e melhor amigo,
e o único ser humano responsável por eu acreditar
que é possível ser feliz para sempre.

Agradecimentos

A minha sentida gratidão vai para a minha extraordinária editora, Selina McLemore, que me ajudou a ver a luz uma e outra vez. Se este livro faz algum sentido, isso deve-se à sua orientação competente. E o meu obrigada também a todo o pessoal da Grand Central Publishing.

Para a minha magnífica agente, Barbara Poelle... eu poderia alongar-me sobre a pessoa fantástica que ela é, mas duvido que a editora me conceda dez páginas de agradecimentos! Ter a Barbara junto de mim é o mesmo que ganhar a lotaria, a sério!

Para a minha família e para os meus amigos, em especial Alex, Nicholas e Natasha, os miúdos mais incríveis do mundo, pela paciência, pela compreensão e pelo apoio.

Para todas as pessoas de The Beau Monde, que me ajudaram nos dados sobre viagens e o exército britânico e que são fontes de informação no que respeita à Regência. Pelos mesmos motivos, agradeço a Courtney Milan, que me cedeu tempo da sua vida ocupada e empolgante para dar resposta às minhas perguntas de natureza jurídica, e a Tam D'Lyt, uma cavaleira exímia, que me ensinou tudo acerca de selas de amazona e do que implica cair de um cavalo.

Muito e muito obrigada a Christine Wells, a autora dotada que me inspirou a escrever romances. E por fim, a todas as pessoas que me ajudaram a moldar *Um Toque de Perversão* e a transformá-lo no livro que hoje é: Evie Byrne, Moira McTark, Maya Banks, Kate McKinley, Anya Delvay e os escritores talentosos da ERCC.

Prólogo

Londres, Junho de 1815

Sophie estava sentada na beira do sofá, com a cabeça inclinada em pose de concentração e o bordado esquecido no regaço. Lá fora, através da janela da sala de visitas, aberta por um criado para que o ar puro circulasse no espaço abafado, ouviu o bater dos cascos de um cavalo que parou abrupto no pavimento empedrado.

Olhou de relance para Tristan, o seu maior amigo, sentado a seu lado no sofá estofado a seda com motivos de palmeiras, descontraído, e cujo cabelo preto e encaracolado lhe chegava à nuca. Ele e a mulher, Nancy, vinham buscar Sophie todos os dias para a aliviar da solidão permanente que a atormentava desde que o marido partira para a guerra. Como Nancy fora visitar a mãe doente a Somerset, Tristan viera sozinho.

Apercebendo-se de que Sophie não conseguia falar, Tristan sorriu-lhe, mostrando a sua covinha – uma depressão cavada junto da boca. Enroscou os dedos sobre os dela e apertou-os um pouco.

– Vou ver quem é, Soph?

Sophie olhou outra vez para a janela. Os cortinados de cetim flutuavam ao vento e brilhavam como uma floresta inundada de sol, como se dessem as boas-vindas a alguém que os afastasse e espreitasse para o interior da sala mergulhada na penumbra. Crispada, Sophie inclinou a cabeça em sinal de anuência e pestanejou ao sentir a luz nos olhos.

Há dias que o ambiente era o mesmo, desde que tinham sabido que a batalha de Waterloo acabara. Sempre que uma carruagem entrava na

propriedade ou ela ouvia o ruído de ferraduras no empedrado, uma mistura tumultuosa de entusiasmo e de medo fervia no seu íntimo. Seria Garrett que regressava a casa? Notícias do seu paradeiro? Notícias da sua morte no campo de batalha?

Tristan largou-lhe a mão, e o seu corpo alto e gracioso levantou-se do sofá. Como sempre, estava vestido com elegância, com uma casaca de corte impecável, um colete às riscas e umas calças cor de camurça a condizer. Quando Tristan se aproximou da janela, Sophie sentiu um aperto no peito, pois sabia que ele temia tanto por Garrett como ela. Tristan era o melhor companheiro do marido, além de seu herdeiro e primo. Desde que Garrett partira, fora Tristan que lhe dera apoio e força, mas no último mês começara a mostrar alguns sinais de tensão: as rugas à volta dos expressivos olhos castanhos, a crispação do rosto e o ar sério que substituía a jovialidade com que em geral encarava a vida.

Afastando os cortinados, Tristan ficou de costas para ela, com o corpo emoldurado pelo tecido verde. Inclinou a cabeça e espreitou o que se passava lá em baixo. Sophie observou-o em silêncio, com a mão pousada na curva da barriga. Devia ser algo relacionado com Garrett, caso contrário Tristan tê-la-ia sossegado assim que olhara lá para fora.

Sophie rezou para que Tristan tivesse visto Garrett a desmontar e a entrar em casa quase a correr, ansioso por vê-la. Talvez o marido viesse a subir as escadas naquele momento. Sophie fechou os olhos, imaginando-o a abrir a porta com um sorriso no rosto atraente e austero. O seu corpo hirto derreter-se-ia, e ela daria um grito de alegria e correria a abraçá-lo.

Por fim, Tristan falou.

– É Sir Thomas – anunciou ele, desanimado. – Sozinho.

Sophie fez um esforço para abrir os olhos, mas não conseguiu encarar Tristan. Sir Thomas era o ajudante-de-campo de Garrett. Vê-lo sem Garrett ao lado estava apenas... *errado*. O olhar dela ignorou o brasido da lareira e fixou-se na luz dourada e trémula que penetrava nas sombras do aposento. De repente, a sua sala londrina pareceu-lhe opressiva. Apeteceu-lhe estar lá fora, mas não na cidade. Em Calton House, no Norte, onde ela, Garrett e Tristan haviam brincado quando eram pequenos e despreocupados, convencidos de que viveriam para sempre.

O bebê mexeu-se e tocou-lhe nas costelas, e ela passou os dedos pela musselina azul do vestido. Talvez o pobre pequenino sentisse a ansiedade da mãe. Respirou fundo várias vezes e tentou acalmar-se. Faria tudo para manter este filho milagroso a salvo.

Sentiu o olhar de Tristan pousado nela. Os passos dele fizeram eco no soalho quando se aproximou do sofá.

A espera parecia uma eternidade, mas a verdade é que decorreram apenas uns segundos até se ouvir uma pancadinha na porta. Como ela não respondeu, Tristan disse, com uma voz rouca:

– Entre!

Connor abriu a porta, e os olhos de Sophie viraram-se para ele.

– O tenente Sir Thomas Johnson está aqui para falar com Vossa Senhoria. – O mordomo respirou fundo, mas, como bom profissional, conseguiu manter uma expressão impassível. – Ele diz que o assunto tem uma certa urgência.

Sophie não conseguiu falar. A seu lado, Tristan baixou a cabeça a Connor, que saiu e voltou pouco depois na companhia do oficial ruivo. Sophie já conhecia Sir Thomas e sabia que ele era um homem jovial. Nesse dia, trazia os lábios bem cerrados, e rugas profundas sulcavam-lhe a testa.

Tristan pousou a mão no ombro dela, ao de leve, para lhe dar forças. Ela afastou o bordado do colo e levantou-se, com as pernas a tremer.

Connor saiu e fechou a porta, deixando os três a sós. Sir Thomas fez uma vénia formal. Sophie observou-o e registou a postura rígida e o uniforme, a carta fechada na mão esquerda, o cabelo ruivo e encaracolado bem afastado da cara e as suíças farfalhudas da mesma cor. A expressão soturna e os olhos tristes. O aroma penetrante a sabonete que o corpo dele exalava e que a deixou tonta.

– Não – murmurou ela. O braço de Tristan à volta da cintura foi a única coisa que a manteve de pé.

A maçã-de-adão de Sir Thomas subia e descia enquanto ele engolia em seco. Pestanejou várias vezes e depois conseguiu falar.

– Trago notícias do marido de Vossa Senhoria.

Fez uma pausa.

– Desembuche – resmungou Tristan.

– O coronel, ah... o duque...

– Não – murmurou Sophie outra vez, abanando a cabeça com violência.

Sir Thomas humedeceu os lábios. Quando falou, as palavras saíram de rompante, dolorosas como setas espetadas no peito dela.

– Lamento, minha senhora, mas o duque de Calton tombou na batalha de Waterloo. Ficou ferido, mas ainda não sabemos se pereceu, porque não conseguimos localizar o corpo. No entanto, são poucas as esperanças de que tenha sobrevivido...

– Não, não, não...

Com lágrimas quentes a rolaem-lhe pela face, Sophie virou-se para Tristan. Ele abraçou-a e consolou-a enquanto ela chorava, afagando-lhe a nuca e dizendo-lhe palavras de conforto ao ouvido. Atrapalhado, Sir Thomas manteve-se em silêncio, virado para o lado, de olhos postos numa palmeira envasada que havia a um canto da sala.

Quando os soluços de Sophie abrandaram e só ficaram as lágrimas, que lhe escorriam pela face como gotas de chuva numa vidraça, Sir Thomas voltou a falar.

– Trago uma carta de Sua Senhoria o duque de Wellington, minha senhora. Ele confiou-me que nela se enaltecem os actos de bravura do vosso marido no campo de batalha. Além disso, garantiu-me que o exército britânico está determinado a encontrar o coronel e que trará o seu... que o trará para casa.

Ela agarrou-se a Tristan. A sua vida terminara? Como poderia viver sem Garrett? Como conseguiria sobreviver a isto?

– Talvez ele ainda esteja vivo – disse Tristan, junto do cabelo dela, num murmúrio que fazia eco do seu desgosto. – Até o encontrarmos, temos de acreditar que ele está vivo.

– Não – segredou ela, com a voz entrecortada pelos soluços. – Não, não, não percebes?

Se Garrett estivesse vivo, já teria vindo para casa, ao encontro dela. Ele prometera-lhe. O coronel Garrett James, terceiro duque de Calton, nunca quebrava uma promessa.

– Havemos de encontrá-lo, Sophie. Iremos ao continente e havemos de encontrá-lo.

Mas não o encontraram.

Capítulo 1

Londres, Abril de 1823 – Oito anos depois

Sophie obrigou a égua castanha a andar a passo. Junto dela, alto e elegante, montado num pigarço cinzento, Tristan fez o mesmo, e os dois cavalos seguiram lado a lado. Segurando as rédeas com uma mão, Sophie acariciou com a outra o pescoço quente da sua montada e encheu o peito com o ar fresco e revigorante da manhã. O atalho ladeado de árvores estava calmo e sereno, talvez devido ao mau tempo que se aproximava. A atmosfera fria e densa prometia chuva, e ambos tinham saído de casa cedo para dar um passeio rápido antes que os céus se abrissem. A geada formara uma camada compacta e brilhante nos ramos das árvores. Debaixo das folhas, as gotas escorregavam para o chão, cintilando como pequenos diamantes.

Sophie olhou de soslaio para Tristan e sorriu ao ver como a humidade lhe encaracolava o cabelo preto e acetinado por baixo da aba do chapéu.

– Estás pronto para esta noite?

Seria o primeiro jantar de festa de ambos em Londres, desde que haviam chegado em Fevereiro para a abertura do Parlamento. O primeiro jantar de festa de ambos como marido e mulher. Tinham casado em Julho e passado os escassos nove meses de vida conjugal no sossego relativo de Calton House, em Yorkshire. Nessa noite, realizar-se-ia a primeira das muitas festas que se seguiriam – dentro de poucas

semanas, a jovem irmã de Garrett juntar-se-ia a eles para a sua primeira temporada londrina.

Tristan brindou Sophie com um sorriso petulante e acriançado que lhe chegou aos olhos brilhantes cor de chocolate.

– Estou mais do que pronto para esta noite. E tu?

Ela espeorou o cavalo, que partiu a galope e, antes que ele pudesse reagir, sorriu-lhe por cima do ombro.

– Claro que estou – gritou ela.

Tristan semicerrou os olhos e sacudiu as rédeas. Atordoada com a perspectiva de uma pequena competição, Sophie virou-se para a frente, encostou o joelho com força ao arção e debruçou-se sobre o pescoço lustroso do animal, segredando palavras de encorajamento para que ele corresse mais depressa.

Os cascos revolviam o solo, salpicando tudo de terra molhada à sua passagem. O vento frio fustigava o cabelo de Sophie que, de cabeça baixa, sentia o ritmo do galope a cantar no seu corpo. Os saíotes do fato de montar batiam nos flancos da égua, e ela gritava de alegria. Iam ganhar.

Quando viu a mancha de gelo já era demasiado tarde. A égua escorregou na superfície branca e as pernas reagiram ao esforço para se manter na vertical. Sophie tentou equilibrar-se. Puxou as rédeas para trás no intuito de obrigá-la a levantar a cabeça, mas o corpo do pobre animal escorregou debaixo dela. Iam cair. A égua ir cair por cima dela.

Sophie afastou a perna direita do arção da sela de amazona e tirou o pé esquerdo do estribo. Lançou-se do cavalo precisamente quando as pernas do animal cederam.

Estatelou-se numa poça de água gelada. Na sequência do impacto, a dor da anca alastrou a todo o corpo. Com um baque surdo que parecia fazer estremecer a terra, o cavalo caiu no chão e por pouco não atingiu as pernas de Sophie com a barriga.

Mas o alívio deu lugar a um pânico renovado quando a égua tentou levantar-se e obrigou Sophie a rebolar na lama e a aproximar-se das suas pernas.

Oh, não. Oh, Senhor! A cauda do fato de montar ficara presa num dos arções.

Enquanto a égua tentava pôr-se de pé, Sophie agarrou em mãos-cheias de lã preta e puxou a saia com quantas forças tinha.

O tecido soltou-se ao rasgar-se, no momento em que a égua se levantou e atingiu Sophie em cheio na coxa com um dos cascos.

Sophie ficou estendida na poça fria, atordoada, tentando respirar, com os saíotes enrolados à volta do corpo e cheios de lama. Sentia a perna a latejar. Os pulmões estavam bloqueados. Não conseguia respirar.

Tristan deixou-se escorregar e caiu de joelhos na lama, ao lado dela. Abraçou-a e afastou-lhe o cabelo da face com os dedos. Sophie mal reparou que perdera o chapéu.

– Sophie! Estás bem? Estás bem, querida?

Os pulmões abriram-se um pouco e ela respirou fundo.

– Sim. Acho... acho que sim.

Os olhos escuros de Tristan brilharam. O seu corpo parecia forte como o aço à volta dela, mas um pequeno tremor denunciou o seu medo.

Agarrando-se aos braços do marido e enchendo o peito de ar, Sophie avaliou o seu estado. Sentia a coxa a latejar, mas conseguia mexer a perna, portanto era provável que só tivesse ficado muito magoada. Estava encharcada e imunda. Uma situação bastante embaraçosa.

– Eu... eu estou bem, Tristan.

Ele puxou-a mais para si e encostou-lhe a boca ao cabelo. Ela ficou ali durante alguns minutos, sentada ao colo do marido, aninhada no seu corpo enorme. Dentro do casulo quente e confortável, recomeçou a respirar com normalidade.

Ouviu alguém a arrastar os pés na terra e afastou a cara do corpo de Tristan. Levantou a cabeça e viu um homem que pegara nas rédeas da égua e a levava ao encontro deles. O animal andava bem e parecia de boa saúde. Felizmente, não ficara ferido.

Consciente do seu aspecto desalinhado, Sophie retesou-se. Tristan puxou-lhe a saia de montar para baixo, de modo a tapar-lhe os tornozelos e, aconchegando-a, levantou-se e pegou nela ao colo sem dificuldade.

– Pelo amor de Deus, Tristan. Eu posso andar. E também posso montar.

Ele olhou para a mulher, franzindo o sobrolho.

– Tens a certeza?

– Absoluta.

Devagarinho, Tristan pô-la no chão. Sophie sentiu uma dor ao longo da perna e agarrou-se ao braço dele. Tristan amparou-a com a sua força.

– Estás bem?

Sophie fez um esgar. A queda em si fora humilhante, e ela não tentava dramatizar a situação. Levava um coice na perna, mas o ferimento era insignificante e não precisava que a mimassem.

– Muito bem!

Ele largou-a, fez-lhe um pequeno sinal com a cabeça e afastou-se a passos largos para agradecer ao homem que lhes trouxera a égua de volta. Sophie reparou que o marido estava tão desalinhado como ela, ou talvez ainda mais. Em geral, Tristan era muitíssimo exigente com a sua aparência, mas não prestou muita atenção ao facto de estar coberto de lama da cintura para baixo.

Depois de trocar algumas palavras de cortesia com o «bom samaritano», Tristan despediu-se do homem e levou a égua à mulher.

– Como está ela? – Sophie fez o possível por não coxear ao dirigir-se a eles. Acariciou o focinho sedoso do animal e pediu-lhe desculpa em surdina. Por milagre, a algibeira não se molhara, e ela tirou um torrão de açúcar e deu-o à égua.

– Ilesa e muito calma. – A mão grande e quente de Tristan agarrou-lhe no braço e apertou-o. – Consegues montar, amor?

– Claro. – Sophie sorriu. – A culpa é toda minha... um erro estúpido. Eu devia ter prestado mais atenção.

Tristan concordou, com um gesto de cabeça, mas não discutiu com ela.

– Vamos já para casa. – Sem lhe perguntar se precisava de ajuda... sabia que sim, pegou nela ao colo e depositou-a na sela. Não a largou enquanto Sophie enfiava o pé enlameado no estribo e compunha os saiotes rasgados e sujos à volta do corpo. Quando se afastou, foi com hesitação. – Já para casa – repetiu com firmeza, olhando para ela com uma expressão que não admitia réplica.

Sophie observou o corpo flexível e musculoso do marido, que montou no cavalo com elegância e avançou a seu lado. Os olhos escuros dele não a largavam.

– Estás pronta?

A preocupação era bem visível no olhar de Tristan. Tinha os ombros retesados de frustração, e Sophie sabia que ele preferia abraçá-la por mais tempo, consolá-la, levá-la para casa ao colo em vez de deixá-la correr o risco de montar. Mas ele respeitara os seus desejos e deixara-a mostrar a sua independência e salvar o amor-próprio.

Mal conseguia desviar o olhar dele. Apesar de enlameado, era magnífico. Só de olhar para o marido, sentiu o sangue a aquecer e o pulso a acelerar.

Com um misterioso sorriso interior, Sophie virou o cavalo na direcção de Mayfair.

– Sim, estou pronta, Tristan. Vamos para casa.



A seda vermelha de fantasia do robe murmurou na pele de Sophie, leve e fresca após o vestido de brocado grosso e quente que ela levava à festa. Fora espreitar as crianças e, como as encontrara a dormir profundamente, dera-lhes um beijo de boas-noites, regressara ao quarto de vestir e chamara a camareira para a ajudar a despir-se. Agora estava sentada ao toucador sozinha, a tirar os ganchos, um por um, e a ver no espelho oval de moldura dourada os rolos de cabelo cor de mel que se soltavam do *chignon* bem preso.

Parou a meio, quando uma recordação súbita a assaltou. Garrett de pé atrás dela, a tirar-lhe os ganchos pela mesma ordem metódica, servindo-se dos dedos para lhe espalhar o cabelo sobre os ombros como se fosse um leque. Observava-a ao espelho com aquela expressão arrebatada nos olhos azuis. Uma expressão que lembrava a Sophie o mar revoltado no meio de uma tempestade, que indicava que ele a desejava.

Sophie encaracolou os dedos dos pés nos fios cremes da carpete felpuda. Ao deixar cair o último gancho no tampo lustroso do toucador de mogno, agarrou-se à beira do móvel e olhou fixamente para o espelho, respirando fundo para recuperar a compostura.

Agora, as recordações espontâneas eram menos frequentes. Devia ser natural, passados tantos anos.

Não queria esquecer Garrett. Às vezes, acolhia bem as recordações, ansiava por elas. Mas não nessa noite. Nessa noite, desejava pensar só em Tristan, no seu corpo longilíneo e magro, no seu sorriso desconcertante, nas suas carícias. Na maneira como ele se enterrara na lama nesse dia para a aproximar do seu corpo firme e reconfortante. No seu desespero antes de verificar que ela estava bem.

Como se os pensamentos dela o tivessem chamado, a porta que separava o quarto de vestir do quarto do casal abriu-se. Sophie passou a mão pelos olhos húmidos e pegou na escova de cabelo. Ao espelho, viu o marido a aproximar-se, impecável como sempre, de calças cinzentas e colete bordado, cujo fio dourado condizia com a cor da gravata. Tristan desfizera o nó e trazia-a solta ao pescoço.

– Não te demoraste – murmurou ela, sorrindo.

– Vim o mais depressa que pude, amor. – Ele sorriu-lhe, mostrando os dentes brancos e alinhados e a covinha que sempre tivera o condão de a enternecer. – Livrei-me do Billingsly. Nem as histórias das viagens dele ao Egipto conseguem seduzir-me quando sei que estás no nosso quarto... à espera. – Um trejeito nos lábios e um brilho no olhar que reservava só para ela denunciaram um toque de perversão.

Enquanto ela escovava o cabelo, Tristan pousou-lhe as mãos nos ombros. As mãos, com elegantes dedos compridos e unhas curtas e limpas, não eram a única parte do corpo que revelava a sua posição social. O rosto era aristocrático, bem delineado, anguloso, e os olhos escuros e astutos. Mas os modos requintados e o famoso autodomínio provavam que ele pertencia a uma estirpe ilustre. Talvez não cobiçasse o legado de Garrett, mas cumpria bem o seu novo papel de duque de Calton.

– Como está a tua perna?

Sophie forçou um sorriso. Tinha uma grande nódoa negra na coxa, mas sentia-se grata. Podia ter sido muito pior.

– Está bem. Já não sinto praticamente nada.

O sorriso dele desvaneceu-se quando o olhar de ambos se cruzou ao espelho.

– Ah, Soph... – Falhou-lhe a voz, e ele devia ter visto a tristeza estampada na expressão da mulher, porque o seu olhar reflectiu de súbito o desgosto dela.

Afagou-lhe os ombros.

– Eu também sinto a falta dele, amor. Todos os dias.

Sophie inclinou a cabeça, olhou para ele e sorriu com tristeza. Tristan era a única pessoa no mundo que compreendia a sua perda. Também ele perdera a mulher. Nancy morrera ao dar à luz o filho, dois anos depois de Waterloo. Embora Sophie soubesse que ele a amara, era raro Tristan falar de Nancy.

Todavia, a perda de Garrett era diferente. Garrett partira há mais tempo, mas deixara uma presença sólida na vida de ambos... talvez porque eles haviam mantido a esperança durante um longo período.

Tristan aceitava com paciência a melancolia dela. A maioria dos homens tê-la-ia desprezado por continuar a amar um marido morto. A maioria dos homens teria ciúmes da relutância dela em deixar morrer o seu afecto por Garrett. Mas não Tristan. Ele sabia quanto ela amara Garrett e nunca tentara apoderar-se desse sentimento.

– É que... noites como esta... – Esforçando-se por pôr ordem nos seus pensamentos, Sophie encolheu os ombros, impotente.

Nunca tentava fazer com que Tristan se sentisse inferior, porque ele não o era. Apenas diferente. Quando se apaixonara por ele, pareceu-lhe que o coração inchava e ficara com o dobro do tamanho de modo a arranjar espaço para os dois.

Mesmo assim, mais do que tudo, receava magoá-lo ao agarrar-se com tal desespero ao que sentia por Garrett. Se o perdesse como perdera Garrett... O pensamento era intolerável. Se tal acontecesse, ela não conseguiria suportar.

– Eu sei – disse ele em voz baixa, como se lhe lesse a mente. Os lábios dele afloraram-lhe o cabelo. – Eu compreendo. A sério.

– Desculpa.

Ele endireitou-se.

– Não peças desculpa, Soph.

Ela pousou a escova no toucador, levantou-se e passou-lhe os braços à volta do pescoço. O tecido da gravata roçou na sua pele quando ela encostou a face ao peito firme do marido. Ele cheirava a especiarias exóticas, como os países do Oriente que tanto apreciava.

– Adoro-te – disse ela. – És tudo para mim.

Os dedos de Tristan penetraram no cabelo de Sophie quando ele lhe inclinou a cabeça para obrigá-la a encará-lo. Riu-se, mas com um som cavo.

– Não posso obrigar-te a esquecê-lo, Sophie. Caramba, nem eu consigo esquecê-lo. Sabes como eu o estimava. Ele era mais do que um irmão para mim.

– Eu sei. – Ela abraçou-o com força. – Obrigada.

Ele aninhou-se nos cabelos dela, e Sophie sentiu o seu calor no couro cabeludo.

– Fomos longe, não achas?

Sophie fez um sinal afirmativo.

– Acho.

Tinham ido mais longe do que ela imaginara. A noite de núpcias fora difícil. Ela mostrara-se tímida e inábil e não conseguira deixar de pensar que estava a atrair a memória de Garrett. Era a primeira vez que se deitava com um homem desde que Garrett partira com o seu regimento para combater em Waterloo.

Mas Garrett morrera. Tristan era agora o seu marido e, nos últimos meses, conquistara a sua confiança total. Nos braços dele, ela revelara-lhe tudo, desde os seus desejos às suas fantasias mais obscuras. Partilhavam um nível de abertura e de comunicação que ela nunca alcançara com ninguém.

– Não era preciso apressares-te – disse ela para mudar de assunto, com uma voz abafada, encostada ao peito dele. – Eu não me importo que converses com o senhor Billingsly. Sei como adoras ter notícias do Egipto.

– Não tanto como dantes. Sinto-me satisfeito quando estou contigo e com os miúdos. Hoje em dia, o Egipto parece-me mais uma fantasia de juventude.

O que ele acabara de admitir deixou-a sem fôlego. Tristan era um aventureiro, um viajante. A sua sede de viagens fora sempre um mistério para ela. Sophie preferia estar em casa, ou em Mayfair ou em Calton House, no Norte. Enquanto ela aguardara paciente as raras vindas de Garrett a casa, Tristan explorara metade do globo. China, Índia, Madagáscar. Jamaica, Irlanda, Itália e América. Quando casara

com Nancy, não parara. Nancy dizia sempre, bem-humorada, que era um milagre ele tê-la engravidado, tão frequentes eram as ausências do marido.

Mas nunca fora ao Egípto. Quando eram pequenos, Tristan sonhara com uma aventura neste país.

Sophie esfregou a face no peito dele e suspirou.

– Talvez eu te tenha domesticado, afinal.

A única resposta dele foi um murmúrio de satisfação. O corpo dele colou-se ao dela em todos os sítios certos, lembrando-lhe o prazer que podia proporcionar. As mãos de Sophie escorregaram do pescoço dele para os ombros. Os músculos retesaram-se debaixo das pontas dos dedos dela que, sem fazer força, deslizaram ao longo das costas até à curva das nádegas do marido.

Tristan acariciou o tecido escorregadio do robe dela e puxou-a com tal força que Sophie sentiu a erecção dele na barriga. Quando ele falou, disse-lhe ao ouvido com uma voz rouca:

– As viagens do Billingsly não conseguiram prender-me a atenção esta noite. Eu só pensava em ti aqui sozinha. Tudo esmorece ao lado da promessa de te ter, amor. De te ver, de te tocar... de te possuir...

A maneira como ele lhe falava, a maneira como ele lhe tocava... não havia nada igual no mundo. O sangue correu, pesado e lento, nas veias de Sophie, aquecendo-a, enlanguescendo-a. Começou a arquejar. Duros como seixos, os mamilos empurraram a seda do robe. Ela sentiu a mudança no interior do seu próprio corpo, que aquecia e se abria, desejoso de que ele o invadisse.

Sophie enfiou a mão entre eles e desatou o cinto do robe. A seda escorregou-lhe dos ombros e caiu no chão, deixando-a nua. O ar fresco fez-lhe pele de galinha nos braços e nas pernas.

Ela passou-lhe a boca pelo queixo e disse baixinho:

– Faz amor comigo, Tristan.

Emoldurando-lhe o rosto com as mãos, Tristan colou a sua boca à dela.

– Sabes tão bem, Sophie – murmurou ele. – Não me canso de ti.

Ajoelhou-se, e a sua boca roçou no ombro dela.

– Julguei que te perdia esta manhã.

Pôs-lhe as mãos na cintura e puxou-a ainda mais para si, pressionando-a de cima para baixo. Sentiu-se varrido por um calafrio.

Sophie acariciou-lhe as superfícies planas e másculas do rosto.

– Também me assustei – admitiu ela. Tirou-lhe a gravata e beijou-o. Adorava a boca dele. Tão firme e macia ao mesmo tempo. Deliciosa.

As calças de lã dele estavam a estorvar, e ela procurou os botões da braguilha, mas ele agarrou-lhe nos pulsos.

Ela afastou-se.

– Não?

– Não, amor. Por enquanto, não.

Sophie sentiu um tecido macio em contacto com a pele, olhou para baixo e viu que ele apanhara a gravata e lhe atava os pulsos.

Com o coração alvoroçado, olhou para ele e, nervosa, humedeceu o lábio superior com a língua. Tristan encarou-a, muito sério. Mas Sophie conhecia-o bem o suficiente para detectar a ansiedade nas profundezas do olhar dele.

– Vou atar-te à cama.

Ao olhar para ele, a boca dela entreabriu-se. Acalentava o desejo secreto de estar atada enquanto ele a possuía. Transmitira-lho uma vez, de madrugada, quando haviam partilhado as mais íntimas fantasias, mas ele não dissera nada. Mais tarde, afastara a ideia, convencida de que o marido, com os seus modos brandos, nunca desejaria tal coisa. Depois, nos últimos meses, aprendera que a personalidade nocturna dele era diferente da fachada diurna. Se em público era respeitável e bem-parecido, em privado transformava-se num ser obscuro e misterioso.

Sophie tinha a garganta tão seca que mal conseguia falar.

– Porquê?

Ele agarrou-a pelos pulsos sem a magoar e sem se mexer e observou-a com uns olhos que lhe atravessaram a alma.

– Porque isso vai dar-me prazer.

Ela deixou escapar um sopro.

– Quero-te atada. Indefesa. – A voz dele tornou-se áspera. – Quero que te concentres só em mim.

Sophie fechou os olhos. Na sua vida diária, era mãe, patroa, *duquesa*. Um modelo para a sociedade. Tomava decisões importantes depressa e com segurança. Evitava mostrar fraqueza.

Mas à noite, Tristan adorava expor o lado frágil da mulher. Fosse por que motivo fosse, ela exultava. Quando ele exercia o seu poder sobre ela, Sophie sentia-se feminina e bela, acarinhada e protegida. Era a libertação total.

No entanto, se lhe dissesse que não, ele parava. Imediatamente.

Sentindo o coração a pulsar no peito, olhou para ele e fez um pequeno movimento com a cabeça. Em sinal de concordância.

Fazendo um trejeito com a boca, ele pegou-lhe nas mãos.

– Estende os braços.

Sophie mordeu o lábio inferior e obedeceu. Sentia-se tão vulnerável naquela situação, com ele vestido e ela nua à sua frente, oferecendo-se para fazer o que lhe agradasse! Mas estava certo.

Estremeceu de desejo quando ele lhe atou os pulsos com a gravata e deu várias laçadas, fazendo um nó intrincado.

– É um nó de laço. Ficas bem amarrada – murmurou ele, dando um último puxão. – Agora deita-te na cama e espera lá por mim.

Ela entrou no quarto e dirigiu-se para a cama antiga alta, de madeira trabalhada, sentindo o olhar dele nas suas nádegas quando subiu o degrau e atravessou as cortinas de damasco cor de ferrugem. A borla dourada roçou-lhe na coxa. Uma criada de quarto já puxara para baixo a pesada colcha, e os lençóis refrescaram-lhe a pele quente. Sentia a cara a arder, de vergonha ou de excitação, não sabia ao certo. Talvez de ambas.

De joelhos, com as mãos atadas à frente do corpo, parou e olhou por cima do ombro. Tristan encontrava-se à porta que ligava os dois quartos, a observá-la.

– Ótimo. Venho já.

Deu meia volta e desapareceu no quarto de vestir.

Sophie não percebeu a razão da saída, mas sabia que ele não a deixaria sozinha durante muito tempo. Desfrutando de cada momento do contacto dos lençóis com a sua pele sensível, deitou-se de costas. Sentiu-se varrida por uma baforada de ar quente quando o fogo assobiou

e crepitou na lareira. Já estava acomodada no momento em que Tristan entrou de novo no quarto com um par de meias de seda na mão.

– Isto é para os tornozelos – disse ele, arqueando uma sobrancelha.

Ela não disse nada, com o coração a bater desordenado de expectativa, e reagiu com um gesto de anuência. Faria tudo o que ele pedisse, tudo para que ele lhe tocasse, a satisfizesse. Concentrada apenas no homem que amava, já quase esquecera a melancolia. Como descobrira Tristan que era isto que ela desejava – de que *precisava* – nessa noite?

Em silêncio e com uma lentidão requintada, Tristan atou-lhe as mãos a um poste da cama e em seguida os tornozelos com as meias, cada um a um poste. Fez uma pausa para acariciar a nódoa negra bem visível que ela tinha na coxa e o seu rosto anuviou-se ao recordar a queda.

Por fim, recuou para examinar o seu trabalho. Os atilhos enterravam-se na carne de Sophie o suficiente para ela ter consciência da sua existência mas não dificultavam a circulação sanguínea. Ela estava deitada com os braços por cima da cabeça e as mãos unidas e com as pernas afastadas, e o seu sexo pulsava de desejo. Os mamilos escuros destacavam-se nos seios pesados e macios. Da cabeça aos pés, a pele dela formigava de sensibilidade e ansiava pelo contacto reconfortante de Tristan.

Ele contornou a cama alta, escrutinando o corpo da mulher. Pressionou-lhe com suavidade a púbis. Sophie reprimiu o impulso de se contorcer, de lhe suplicar que continuasse.

– É isto que queres, não é? – disse ele em voz baixa. – Estar atada à minha cama, submetida à minha vontade?

– Sim – ciciou ela.

O olhar dele deslocou-se para a boca de Sophie.

– O que foi?

– Sim, Tristan. É o que eu preciso. É o que eu desejo.

A boca dele retorceu-se num sorriso predatório.

Sem desviar o olhar do corpo dela, Tristan despiu o colete, desabotoou os botões forrados de tecido, sem pressa nenhuma, e por fim tirou a camisa, exibindo o tronco magro. Se Sophie não estivesse presa, nada a teria impedido de lhe tocar, de passar as mãos pelo corpo dele, de cima a baixo, de lhe acariciar a pele macia e rija do peito.

Tristan apagou os dois candeeiros – um em cima de uma mesa redonda perto da lareira e o outro junto da porta. Nesse momento, apenas as chamas e uma única vela na mesa-de-cabeceira iluminavam o quarto com uma luz fraca e trémula.

Subiu o degrau. Sophie virou a cabeça para ele, cujo sexo estava ao nível dos olhos dela, e observou-o quando ele desabotoou as calças e as deixou escorregar, expondo as ancas esguias.

Nesse momento, ouviu-se um estrondo vindo de baixo. Talvez da entrada. Sophie ficou hirta e Tristan também, mas descontraíu-se porque não ouviu mais nada.

– Os criados devem ter deixado cair alguma coisa.

– Eu devia ir lá ver se está tudo em ordem.

Ele franziu o sobrolho, com os olhos a faiscar.

– Agora?

– Bem...

Ela hesitou, insegura, dividida entre o desejo de lhe agradecer e a necessidade de controlar o que se passava em sua casa.

– Não – disse ele, categórico. – Agora és minha, bem sabes. Não te preocupes com mais nada até amanhecer. Percebes?

As palavras dele provocaram nela um estremecimento de prazer e tudo o resto se dissipou. Sophie sentiu-se quente, molhada e cheia de desejo. Os dedos dele apertaram-lhe o queixo, com tal força que lhe deixaram marcas na pele. Sophie ignorou o ruído lá em baixo. Só precisava dele.

– Compreendo.

Os dedos dele, leves com uma pena, deslocaram-se para a face. Afloraram-lhe a linha do queixo e desceram. Ela arqueou o pescoço, pronta a recebê-lo, e ele tomou-lhe o pulso e murmurou:

– O teu coração bate tão depressa, Sophie.

Tristan concentrou-se no percurso da sua mão, que passou da clavícula para o centro do peito dela, antes de se enroscar no seio mais próximo, que apertou ao de leve. Sophie retesou-se. No queixo dele, um músculo mexeu-se. Os lábios dele, cerrados de concentração, eram cheios e macios. Se ela se soltasse, puxar-lhe-ia a cabeça para que ele a beijasse. Arrastaria o corpo dele para cima do seu, acariciá-lo-ia em todo o lado que pudesse,

para deleite de ambos. Mas não podia. Não podia beijá-lo, não podia tocar-lhe. Só podia ter paciência e esperar que ele lhe desse mais.

Ele esfregou-lhe o mamilo com o polegar, e Sophie respirou fundo. Estava tão carente, tão sensível.

A luz tremeluziu no tronco dele, chamando a atenção de Sophie para as sombras cor de bronze dispersas na pele cor de azeitona de Tristan. Apesar de não ser um homem corpulento, era activo, e os músculos tensos realçavam-lhe os ombros largos, o ventre liso e as ancas estreitas. O peito aumentou de volume quando ele respirou fundo e lhe acariciou o mamilo outra vez.

– Tristan... – Sophie fechou os olhos ao sentir o contacto dele a reverberar no seu corpo. Quando os abriu, deixou que se concentrassem mais abaixo.

A cintura dele afilou-se na direcção das ancas e as extremidades das nádegas encovaram-se. Emergindo de um ninho de caracóis escuros, o sexo erecto de Tristan virou-se para cima. Sophie sentiu-se arrepiada nos braços e nas pernas. Estava quente, fria e dorida... e desejava-o.

Ele comprimiu-lhe o seio, e ela contorceu-se devido à vibração que sentiu entre as pernas.

– Não voltes a fazer aquilo, Sophie.

– Não... o quê?

– A assustar-me como me assustaste esta manhã. – Ele franziu o sobrolho, com o queixo crispado e o corpo hirto. Estava muito sério.

– Vou... tentar – respondeu ela, arquejante, quando ele lhe assentou a palma da mão no seio.

– Não posso perder-te – disse ele entredentes. – Percebes?

– Sim... Tristan... Eu preciso... – Mas não conseguiu concluir o pensamento, porque a mão dele largou-lhe o seio e escorregou para as virilhas.

– Eu sei do que precisas, amor. – Tristan gemeu ao enfiar dois dedos bem dentro dela. – Estás tão molhada para mim.

Ela entreabriu a boca, desejosa de que ele a penetrasse ainda mais.

Tristan retirou a mão até as pontas dos dedos a florarem as pregas sensíveis do corpo dela.

– Desejas-me, Sophie?

– Sim.

Ele recompensou-a, penetrando-a com a mão tão fundo que os dedos dos pés de Sophie se encarrucaram.

– Por cima de ti?

– Sim.

Outra estocada. Ela gemeu e cerrou os olhos.

– Queres que eu entre em ti?

– Sim, Tristan. Sim, por favor.

Em poucos segundos, ele agigantou-se sobre ela, flectindo os músculos dos braços que lhe serviam de apoio. Estendida e amarrada como estava, Sophie não podia envolvê-lo com as pernas – só podia aceitar o que ele resolvesse dar-lhe. Tristan estava por cima, a posição preferida dela. Adorava observar a necessidade rude e intensa no rosto dele ao penetrá-la.

Encarou-o quando ele se preparou para possuí-la. Não era preciso dizer que a amava. As palavras não eram necessárias. O amor jorrava da sua expressão, dos seus actos, dos seus poros. O amor dela era também óbvio. Em todos os movimentos, no abrir e fechar das pálpebras, em todos os arquejos, ela amava-o. O prazer que ele lhe dava, a intensidade sublime das suas carícias só se explicavam pelo afecto profundo que os unia.

Ele penetrou-a mais, fazendo-a suplicar em tom de lamúria. O sexo de Sophie estava húmido e apertado à volta dele, e tão sensível.

Por fim, sentou-se completamente. Latejaram juntos, com os corpos imobilizados pela sensação. Que pulsar era aquele entre as pernas dela? Dela ou dele? De ambos, talvez, unidos como estavam, em corpo e em espírito.

Sem mexer as ancas, ele inclinou-se e passou-lhe a língua pelos mamilos. Quando Sophie já não conseguia fazer mais nada a não ser arquejar e contorcer-se de desejo, impaciente, ele encarou-a. Firmando-lhe a cabeça com os cotovelos, colou a boca entreaberta à dela e penetrou-a, fazendo-a ofegar descontrolada a cada estocada quando a ponta do seu pénis lhe empurrava o útero.

A sua boca aflorou a dela, suave em contraste com o membro quente e húmido entre as pernas de Sophie. Ela sugou-lhe o lábio inferior e mordeceu-o. Ele aprofundou o beijo, reforçou a penetração e explorou-lhe

a boca com a língua até os movimentos desta se equipararem aos do resto do corpo.

Enterrou-se nela uma e outra vez, acariciando-a por dentro, afagando-lhe a zona mais sensível. O prazer inundou-a, quente e penetrante, aumentando até todos os seus músculos se crisparem e tremerem com a tensão.

Até que, de repente, ela atingiu o êxtase.

De olhos bem fechados, Sophie arquejou, ao mesmo tempo que ondas de prazer atravessavam o seu corpo, fazendo-o ondular de tal maneira que a seda e o tecido que a amarravam à cama se esticaram. A sua consciência inundada de prazer registou algures um segundo estrondo, muito mais próximo do que o primeiro.

E depois Tristan deu um grito, mas foi um grito de surpresa e não de prazer. O seu corpo afastou-se com brusquidão do corpo dela. Sophie sentiu uma corrente de ar frio na pele e, com as pernas e os braços ainda a tremer devido ao orgasmo, abriu os olhos, protegendo-os de uma luz intensa.

Um vulto masculino indistinto agarrou no marido pelo pescoço. Os punhos cerrados do homem atingiram Tristan, ao mesmo tempo que ele o amaldiçoava em voz baixa, cheia de ódio, chamando-lhe patife, violador perverso. A luz que entrava pela porta realçou as silhuetas negras dos dois homens.

Um murro atingiu Tristan no queixo, empurrando-lhe a cabeça para trás. Tristan roncou, apanhado de surpresa, e Sophie puxou as suas amarras com toda a força de que foi capaz.

– Não! – gritou ela. – Parem! Parem já!

Tinha de soltar-se, salvar Tristan, separá-lo do intruso, do louco que tentava matá-lo...

Ouviu-se mais um estalido no quarto quando outro punho cerrado atingiu o osso.

Tristan, não. Por favor... Ela contorceu-se, sentindo um ardor na pele nos sítios em que os nós implacáveis das amarras se lhe enterravam na carne.

Mais pragas abafadas e o ruído surdo das agressões obrigaram-na a tentar com mais afinco – tinha de se soltar, nem que partisse a cama,

nem que rasgasse os lençóis... Mas Tristan atara-a bem e, por muito que ela se debatesse, não conseguia libertar-se.

Uns vultos agruparam-se no limiar da porta, afastados dos homens envolvidos na luta. Os criados, concluiu ela, quase todos com lanternas na mão. Observavam a cena, boquiabertos – ela nua e amarrada à cama e o desconhecido que tentava matar o patrão.

Oh, meu Deus, não. Isto não podia estar a acontecer. Os gritos dela esmoreceram e o corpo deixou de lutar. Com esforço, concentrou-se em Tristan. Ele conseguira libertar-se do homem e defendia-se, desta vez agredindo-o nas costelas... na cabeça.

A cara dele.

Sophie ficou imóvel. A cara dele ondulou à sua frente, à medida que os seus olhos se ajustavam à luz, primeiro uma mancha difusa e depois com contornos nítidos.

Ela reconheceu aquele homem. Reconheceu o modo como ele se mexia, reconheceu a figura. Reconheceu o rosto largo e a expressão arrebatada nos olhos azuis.

Era o seu marido morto.

Era Garrett.

